

Capital nem tão planejada assim

Um olhar diz tudo. Três dizem muito mais. Tanto para elogiar como para fazer críticas à arquitetura e ao planejamento visual de Brasília. Nem sempre as opiniões dos três arquitetos convidados pelo *Correio* para comentar suas impressões sobre a cidade coincidiram. Mas os profissionais foram unânimes, por exemplo, nas crí-

ticas ao Pontão do Lago Sul. O arquiteto paulista Márcio Kogan considerou o arco de entrada do Pontão a construção mais feia de Brasília. "Acho que deviam destruir a cidade e deixar o arco, porque realmente é um monumento histórico de suma importância", ironizou Kogan. Para o arquiteto e morador de Brasília, Sérgio Parada, a obra é uma

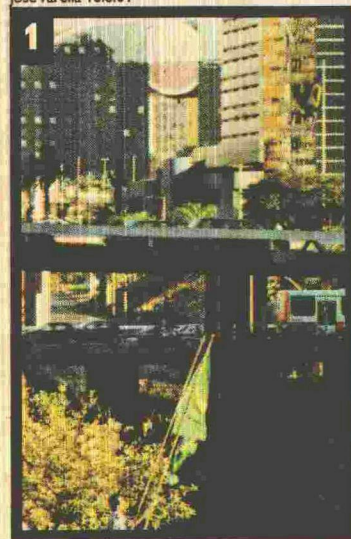
aberração. "É a Disneylândia. Ainda bem que é material perecível." No passeio pela Brasília tombada, os arquitetos também se decepcionaram. Com a desorganização da publicidade no Plano Piloto, com o Centro Comercial Conic, com o Hotel Blue Tree. A revitalização da W3 foi motivo de divergência entre os profissionais. O arquiteto Kogan não acredita na

modernização da avenida, que já foi o grande centro comercial da capital. Para a superquadra 308 Sul, uma das mais antigas da cidade, sobraram elogios, assim como para a ponte Costa e Silva, bem mais admirada do que Ponte JK, premiada recentemente. "Aquele ponte (Costa e Silva) eu gosto mais. Tem a cara da cidade", argumentou Márcio Kogan.

UM GIRO POR BRASÍLIA

José Varella 16.8.01

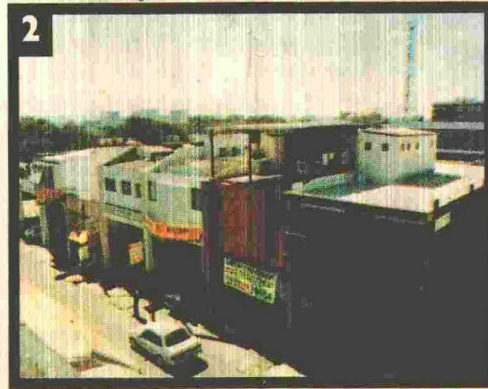
Fotos: Edilson Rodrigues



SETOR COMERCIAL

Construídos em épocas bem diferentes, com mais de 20 anos de intervalo, os dois setores são exemplos da disparidade entre a arquitetura planejada dentro dos preceitos determinados por Lucio Costa e o que se projeta hoje na cidade. Embora haja um certo caos por conta da quantidade de carros que ali circulam, existem também uma harmonia e uniformidade notáveis nos prédios geminados do SCS. "Foi concebido com pequenas ruas, prédios não isolados e com toda uma concepção espacial", avalia Sérgio Parada. "O que falta ser implementado nessa área é a

sensibilidade. Precisamos criar uma forma de as pessoas poderem circular melhor, refinar o desenho. Se a pessoa quiser andar a pé aqui dentro vai ter uma dificuldade enorme." Na área norte, cujo projeto é bem mais recente, os arquitetos se queixam da falta de comunicação entre os prédios e da deficiência do planejamento urbano. O resultado, eles apontam, é uma desordenação geral: ruas sem saída e falta de reflexão sobre o espaço destinado aos pedestres, que no SCS têm direito a praças e passarelas que ligam os edifícios. "O SCN é construído num terreno raso e cada prédio parece querer ser maior que o outro, além de serem muito fechados neles mesmos", repara Gonçalo Byrne. "É a *trading architecture* que os americanos fazem."

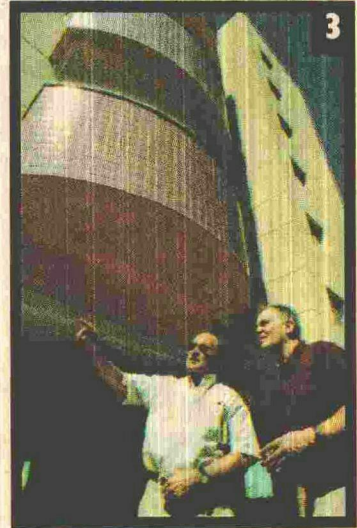


W3

A revitalização da W3, assunto que tanto mobiliza a cidade, é motivo de divergência entre os arquitetos. Márcio Kogan é fatalista: descarta qualquer possibilidade de devolver à avenida o movimento que abrigava nos primeiros anos de vida da capital. Compara-a com a Avenida Santo Amaro, em São Paulo. "É uma artéria deteriorada, como tantas outras em cidades brasileiras. Uma situação irreversível." Para Sérgio Parada, reavivar a área é tarefa que não depende apenas da arquitetura. É necessário um esforço que vai além de uma eventual reforma nos prédios. "É preciso ter modificações de legislação, dar estímulo para as pessoas reutilizarem aquele espaço e dar condições agradáveis não só aos comerciantes, que só pensam em estacionamento, mas às pessoas, para que se sintam atraídas", avalia Sérgio Parada, lembrando recente concurso do Instituto dos Arquitetos do Brasil para projeto de revitalização da área.

SUDOESTE

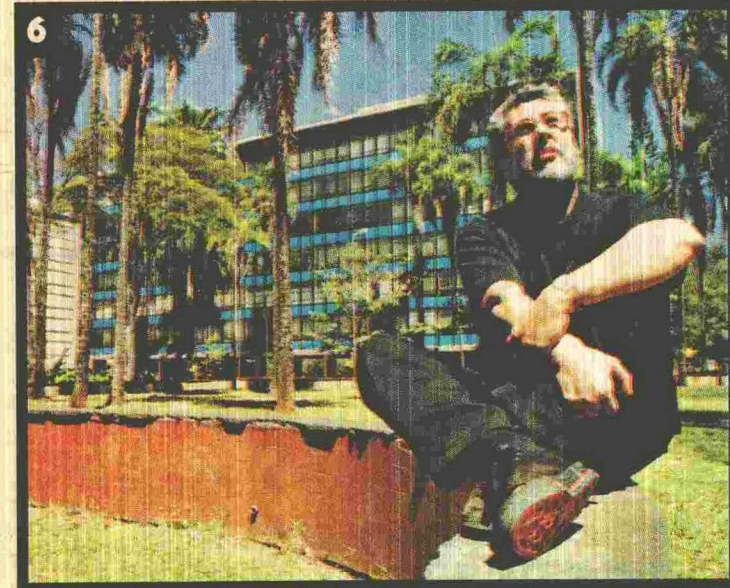
O Sudoeste é a extensão do que Sérgio Parada chama de "arquitetura de fachada", reproduzida também nos prédios novos erguidos na Asa Norte. A tentativa de preservar as escalas originais da superquadra — com os pilotis e os espaços de vivência na área verde — funcionou até certo ponto no Sudoeste. A proposta se perde na enorme quantidade de varandas, estratégias para a invasão de área pública, nas fachadas repetitivas e no pouco planejamento das áreas de convivência. "Esses prédios não têm pilotis, só pilares, todos diferentes uns dos outros, não existe mais o requinte do desenho", diz o arquiteto. "É uma arquitetura de carimbo. As plantas dos novos edifícios de Brasília são idênticas: só mudam a sacadinha ou a cor da pastilha, não existe uma preocupação de estudo arquitetônico." Gonçalo Byrne faz uma observação sobre a desproporção dos pilotis: "Não sei por que usar o pilotis, ele já não faz sentido por causa da varanda. A proporção com o piso vazado fica alterada porque o edifício fica mais gordo".



TERCEIRA PONTE

Ao percorrer os 1.200 metros da premiada Ponte JK, Márcio Kogan a achou mais interessante que bela. Admirou a solução de engenharia, o desafio do cálculo estrutural que o fez lembrar a poesia do concreto armado dos monumentos de Brasília. "Os arcos segurando a ponte. Isso é bonito. As crianças devem gostar dessa mágica arquitetônica", comentou. Mas se encantou com a outra, bem mais singela, que avistou ao longe: a Ponte Costa e Silva, obra de Oscar Niemeyer. "Aquele ponte eu gosto mais. É leve. Tem a cara da cidade. Vocês me trouxeram para a ponte errada." Em junho deste ano, a Ponte JK foi premiada com a medalha Gustav Lindenthal, da Sociedade dos Engenheiros da Pensilvânia Ocidental (EUA). Foi considerada a ponte de maior valor estético e ambiental do mundo, entre as obras finalizadas em 2002.

Carlos Vieira



SUPERQUADRA TRADICIONAL — 308 SUL

A Superquadra 308 Sul é uma das mais antigas da cidade e considerada modelo por ter sido construída de acordo com as escalas de Lucio Costa. "Isso eu gosto!", frisa Márcio Kogan, ao passear pelos blocos da quadra. Depois de mais de uma hora de visita pelo Plano Piloto, Gonçalo Byrne faz comentário curioso: "Os edifícios da origem da cidade são os que resistem melhor ao tempo". O projeto paisagístico de Burle Marx permanece razoavelmente conservado, assim como os edifícios. No entanto, algumas interferências chamam a atenção de Sérgio e Gonçalo. Em alguns blocos, a construção de jardins e bancos junto às portarias obstrui a passagem dos pedestres. "Era para ser um espaço livre, limpo, sem essa arquitetura de decoração, que é um impedimento. Privatizar essa área é errado", ataca Sérgio.

Ronaldo de Oliveira 13.6.03



POLUIÇÃO VISUAL

Por conta da desorganização da publicidade no Plano Piloto, Márcio Kogan achou "feios" os comércios locais de Brasília. Só apreciou a solução urbanística desses setores quando reparou que a poluição visual e as alterações nas fachadas dos prédios, além dos puxadinhos nas laterais das marquises, destruíram o padrão arquitetônico da obra de Lucio Costa. Não foi o único espanto do arquiteto paulista ao percorrer a Brasília que tanto estudou nos livros. O Conic foi outro susto. "Nossa, o que é isso? Parece São Paulo!". A São Paulo que ele define como uma das três cidades mais feias do mundo. Não só a publicidade estraga Brasília, na avaliação de Kogan. O arquiteto deu razão a Niemeyer, que se irrita com a fila de carros estacionados ao redor do Congresso Nacional. "A força dos carros é maior que o Congresso." E se espantou ao avistar o Hotel Blue Tree, da Ermida Dom Bosco. "Isso é uma tragédia, horrível. Cadê o Palácio da Alvorada? O hotel é uma interferência séria. O Lula olhando pela janela deve ver só o Blue Tree."

PONTÃO DO LAGO SUL

O plano urbanístico desse parque foi implementado em 1995 e previa um espaço sem cercas e com propostas de atividades de lazer para a população. Há três anos, no entanto, as obras arquitetônicas do local foram concluídas e o Pontão acabou cercado. Na entrada, o portão de acesso em estilo neoclássico foi motivo de polêmicas e até hoje é alvo de críticas. Sérgio Parada não hesita nos comentários: "É a maior aberração já feita nessa cidade. Parece um cenário e é feito com aquela tecnologia americana do toc-toc (estrutura oca, geralmente em gesso). É a Disneylândia. Ainda bem que é material perecível". Márcio Kogan elegeu o arco como a obra mais feia de Brasília e usou a ironia para descrevê-lo. "Acho que deviam destruir a cidade e deixar o arco, porque realmente é um monumento histórico de suma importância, que é a visita de Napoleão ao Brasil. É um achado arquitetônico. Vou tirar uma foto e levar para meus amigos, em São Paulo. Ninguém vai acreditar que estive em Brasília."

Gilberto Camargos/Divulgação



CONDOMÍNIOS E FAVELAS

Na década de 80, a ocupação desordenada tomou conta dos arredores de Brasília. A pressão por moradia fez surgir invasões de classe média — os condomínios — e novas aglomerações de barracos de madeira, como o loteamento Itapuã, no Paranoá. Nas quatro rápidas vezes em que visitou Brasília, Márcio Kogan não foi apresentado a essa realidade. E encantou-se ao pisar nas ruas poeirentas do Itapuã. "É curioso o desenho de Brasília que tem aqui. Isso aqui é uma Brasília pobre. Em São Paulo, é caótico; no Rio, os barracos tomam o morro que desce, que gira... Não tem nenhuma divisão de lote numa favela de São Paulo. O Itapuã é uma favela planejada, tudo limpo, marcadinha, é genial. Só pode ser uma influência de Niemeyer e Lucio Costa." As invasões dos ricos, ao redor do Lago Paranoá, também o surpreenderam. Não entendeu como as casas do Condomínio Villages Alvorada, na QI 29 do Lago Sul, foram construídas sem "aprovação da prefeitura".